



Brígido se diz ministro e faz apartes aos deputados que escuta pelo sistema de som da Câmara

## Paulista jura que é ministro

BRASÍLIA — Brígido Pereira dos Santos, paulista de 40 anos, jura que foi nomeado ministro de Estado pelo ex-presidente Figueiredo em março de 1979. Mas, por razões que desconhece, nunca foi empossado. Acha que está sendo perseguido por inimigos antigos. Para que sua autoridade seja definitivamente reconhecida, há três anos faz plantão na portaria principal do Congresso. Os seguranças não o deixam entrar, mas também não o expulsam da calçada.

— Vou julgar esses que me perseguem, e você sabe que julgamento não faz felicidade nem alegria. Vou provar que sou ministro e não digo falsidade — sustenta Brígido, cheio de convicção.

Usando sempre o mesmo terno azul claro e a mesma gravata bege, Brígido passa o dia ouvindo os discursos dos parlamentares graças a um alto-falante instalado na portaria do Congresso. Quase sempre pede apartes ira-

dos aos discursos que deputados e senadores fazem no plenário. A platéia, formada por seguranças e motoristas, já se acostumou a vê-lo esbravejar:

— Seus invejosos! Parem de latir, que eu vou julgar vocês por inveja, calúnia e difamação!

Em agosto do ano passado, Brígido foi ao Supremo Tribunal Federal (STF) apresentar uma queixa. De tanto insistir, conseguiu protocolar um requerimento, que foi imediatamente arquivado pelo STF. Numa folha datilografada, ele pedia que o Supremo confiscasse e lhe devolvesse bens que lhe tinham sido usurpados. Ele listou a União e o Ministério Público como proprietários suas. E também requereu a devolução de um posto de gasolina, da Churrascaria Boi na Brasa, de Brasília, de uma agência do Bradesco, de oito toneladas de ouro, de três fazendas, de uma usina de açúcar, de um helicóptero e da empresa de ônibus Vossa Paz.